Major Hypolito Boiteux Nova Trento

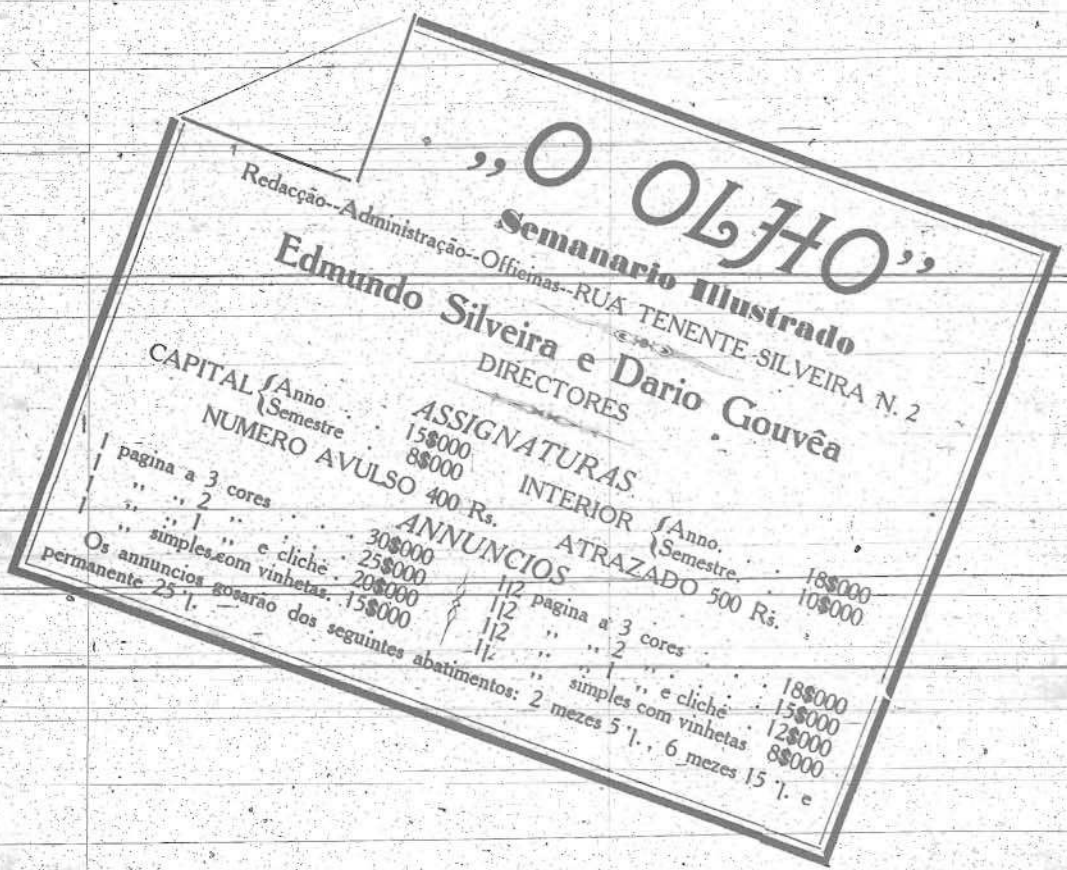
Colonia

ANNO I NUMERO [illegible]

Florianopolis, 9 de Julho [illegible]

Caixa Dr. da Praça Pereira

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina



São considerados nossos assignantes todas as pessoas que não devolveram o primeiro numero. A cobrança de assignaturas será iniciada após a distribuição do prezente numero.

Só publicaremos annuncios em papel assetinado si os srs. annunciantes se sujeitarem ao pagamento da differença do preço do papel.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

O OLHO

SEMANARIO ILLUSTRADO

ANNO I — FLORIANOPOLIS 9 de Julho de 1916 — NUM. 14

Sem pretenções a crônica

Julgam facil, os que nunca nestas andanças se meteram, encher cinco ou seis linguados de papel com um palavriado, cuja textura, burilada e torturada, pareça encerrar alguns longes de ideias.

Realmente, tão abundantes e lindos são os adjectivos de que dispõi a portuguêsa língua, que basta jogar meia dúzia deles para cima de uma folha, de roldão com tres substantivos sonoros e um verbo faiscante, para se ter *uma frase* com visos de sabedoria. Essa engraçada operação tem, em Literatura, o nome de *fazer frases*.

Será ela suseeptivel de ser introduzida na crônica ? Parece.

Confessemos que é pecado levar a gente ao leitor atè o fim das página da revista, para só então lhe dizer:

---Que ! Pois tu vieste até aqui ? Não desconfiaste que esse palavriado todo era um desfarce da carência de ideias e de factos ?

E louvavel seria o gesto do leitôr, que jogasse a revista ás ortigas.

Mas, pergunto eu: de que factos me poderei valer para esse registo, si a semana, que se escôa, deles foi tão vazia ? Que ideias exporei aqui, si a revista não faz questão delas, antes, com todo o empenho, exige coisas que agrade a gregos e troianos ?

Eis-me, pois, em talas.

Sem assunto, detenho a pena e ólho pela janela do meu gabinete, aberta sôbre os telhados da vezinhança, e donde desvendo um horizonte de noventa graus, em cujo fundo azul-escuro ha vagos lampejos de aço polido e foscos rendilhamentos de nuvens. Nele se recortam outros telhados negros, árvores folhudas ou despidas, imponentes palmeiras de coma desgrenhada e, distante, bem ao longe, quasi fundida no azul do céu, a linha azul dos montes de Biguassú.

A tarde expira num silencioso deliquio. Neste instante, uma lufada frigidíssima veio assoprar os papeis da minha mesa, arripiando-me. Desço a vidraça, acendo a luz, e, assim, na doce quentura do meu gabinete, que é tambem quarto-de-dormir, com um cigarro entre dois dedos e uma chìcara de café forte e odorimfuante ao alcance da mão, penso um momento nos desgraçados que não têm enxêrga onde descansar o corpo combalido e que muitas vezes forçados são a dormir ao relento, no chão duro, encolhidos em Z, com as mãos trancadas entre os joelhos e os dentes a ranger de frio-sob a muda a palpitação das estrelas.

Como uma bandeira batida pelo vento, a minha compaixão, diante desses miseraveis, palpita e acena. Pudesse ela materializar-se e acolher nas suas dobras todos os desgraçados sem pão, sem lar e sem familia,

Altino FLORES

Justa promoção

Sabemos ter sido promovido ao alto posto de contra-almirante o nosso illustrado conterraneo capitão de fragata Henrique Boiteux.

Official de real valor o contra-almirante Boiteux se ha imposto entre os seus camaradas pelos seus altos conhecimentos technicos e pelo seu talento de escól, tendo enriquecido a literatura da nossa marinha com obras de incontestavel merecimento.

A promoção, pois, do illustrado coestadano foi um acto de inteira justiça, a que de coração nos associamos, enviando-lhe as nossas effusivas e sinceras felicitações.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

SENADOR

Vidal José de Oliveira Ramos

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A mesa dos fugitivos

I

—Advinhe onde comi, no anno passado, o pato de Natal?—disse Constantino, passando o guardanapo em sua barbinha clara, donde o molho caia em pequenas gotas.

Sabiamos que nesse tempo o nosso amigo residia ainda em sua paiz natal, a Russia, e por isso respondi:

—Com certeza em uma ceia com sua familia e que você saboreou um excellente pato de Natal, caçado a margem de algum dos rios da Siberia, que são mais largos do que os nossos mares!

Constantino sacudiu a cabeça.

II

—Não, respondeu elle, já havia deixado a minha familia e estava viajando, caminho da Europa, ha cerca de uma semana. Viajava em trenó para alcançar Irkoutsk, os navios a vapor e as estradas de ferro. Calculavamos chegar a cidade na vespera de Natal e contavamos descançar uma noite ali. Mas os caminhos eram ruins e a neve atrapalhava tanto os nossos cavallos que nos foi necessario parar, cerca das sete horas, a alguns kilometros de Irkoutsk, deante da primeira «isba» (casa) de uma pequena aldeia chamada Zitma, isto é «inverno.»

Tal qual quasi todas as aldeias da Siberia, Zitma não passa de uma longa rua, aberta em direcção a Europa.

Por movimento expontaneo os nossos cavallos pararam deante do primeiro feixe de luz que lhes tolheu o caminho.

A noite estava tão escura que, sem aquelle clarão, talvez houvessemos passado sem perceber a «isba». Porem acordado pela claridade, o meu cocheiro desceu e foi bater aquella porta.

—Ola! faz favor! o hotel é perto daqui, bom velho?—perguntou elle a um moujik (camponez) de aspecto veneravel que appareceu na soleira, vestido com a tradicional camisa vermelha, trazendo na mão uma lampada.

—Porque procuram o hotel? respondeu o velho; minha casa esta aberta para o hospede de Natal e a minha estrebaria para os seus cavallos.

—E' que trago commigo um viajante...

—Elle tambem sera bemvindo aqui.

Dizendo isto, poz no chão a lampada, saiu da «isba,» approximou-se do trenó e, delicadamente, convidou-me a descer.

Vi logo que elle era um camponez de classe abastada e o aspecto da «isba» veiu confirmar a minha opinião; a construcção, toda de um só pavimento estava dividida, como é de uso ali, por um largo corredor, em dois grandes lances; a direita, a «gornitza», isto é, os compartimentos destinados as festas, a sala onde estão os moveis de mais gosto e as imagens de cobre; a esquerda, a cozinha, onde entramos.

Ao verem-nos, a mulher do moujik e as suas duas filhas, que estavam inclinadas para o fogo, levantaram-se para nos saudar, e o avô desceu de junto do espeto, onde acompanhava com attenção os tramites do assado.

Lembro-me que elle era um homem muito velho, e que riu muito ao nos comprimentar, como alguem que não esta mais senhor de todo o seu juizo.

A moça veiu, cheja de gracilidade, me desembaraçar do capote; ella usava o «saraphane» vermelho das moças solteiras e seus cabellos penteados numa unica trança, indicavam que ainda não era noiva.

—Faço votos para que obtenha um marido de seu gosto, disse eu, sentando-me na cadeira que ella approximara do fogo.

Ella enrubeceu e saiu.

O avô viera se acocorar junto a meus pes.

Seus olhos pareciam devorar os patos que estavam no espeto.

De tempos a tempos, lançava-me um olhar e ria sempre.

Na verdade, parecia que o hospitaleiro moujik estava á nossa espera, para dividir comnosco a sua ceia de Natal: estavam ali na mesa todas as guloseimas que um camponez da Siberia não póde reunir sinão uma vez por anno; em primeiro logar, a tradicional sopa de legumes, «tchi» depois a aveia, preparada com manteiga e carne, os famosos patos assados e, finalmente nozes para seccar a lingua; é tudo isso acompanhado pelo "kuts" e por boa aguardente.

Esse banquete fora servido no salão de festas, aberto em nossa honra. Ao todo, éramos umas dez pessoas que rodeavamos a mesa, sendo os melhores logares o meu e do meu cocheiro.

Notara, ao entrar na sala, uma pequena mesa apertada de encontro a janella, e sobre a qual achava-se uma lampada accesa, um pucaro com "kwass" e pão: todas as vezes que nos chegava um novo pato, a filha mais velha de moujik levava para a mesinha um dos melhores pedaços.

Intrigado com isso, perguntei ao dono da casa:

—Parece-me que um conviva, a quem o senhor muito estima, faltou a festa? Ou quem sabe, algum dos seus esta doente?

Ninguem me respondeu e os olhares dos presentes se voltaram para o moujik com embaraço tão visivel que eu fiquei desconcertado; elle porem, sem titubear, respondeu com um tom de voz grave e solenne:

—Esse pão, essa bebida, essa lampada, são servidos todos os dias, em nossa casa, aquelles que não devemos ver.

E continuaram a beber, cantando arias do logar.

Não comprehendera bem a resposta, e aproveitei a occasião em que, graças aos repetidos copos esvasiados, ninguem reparava no que eu fizesse, para perguntar a minha visinha:

—Quem são os que não devemos ver?

—Os "brodiadgi"—respondeu a moça, pondo um dedo nos labios—os fugitivos.

De facto, não havia pensado nisso, a aldeia de Zitma é uma das primeiras no caminho que se dirige para a Europa, vindo de Niertchinsck, onde estão situadas as minas de Kara, em que trabalham os forçados. Como esse castigo é de todos o mais cruel, e as centenas por anno, que os condemnados fogem. Esta claro que a viagem é mais commoda durante a primavera. Mas nem sempre é facto escolher-se a estação para a fuga; foge-se quando se apresenta, para isso opportunidade e si é no inverno que esta se apresenta, não é possivel ir directamente para á Europa. E' necessario afastar-se algumas centenas de leguas e arranjar trabalho com os camponezes, recebendo em troco agazalho e alimentação. Além disso, desde os confins da Siberia até ao Ural os fugitivos só pódem viver de esmolas; mesmo que possuissem dinheiro, isso de nada lhes serviria, pois os hoteis não lhes offerecem a necessaria segurança. Viajam durante a noite, isolados, certos de encontrar ao longo da estrada a janella illuminada, que lhes basta empurar para ter o pão e o copo de «kwass» que os espera. São soccorridos, porque os camponezes querem secundar a vontade de Deus, que lhes abriu as portas das prisões. Mas ninguem os deseja ver para não sentir a tentação de denuncial-os aos soldados que os procuram. Emquanto a moça relatava-me, em voz baixa estes detalhes, uma pequena pancada no vidro fez com que nos voltassemos sobresaltados. Immediatamente, como por encanto, cessou a alegria, cessaram as cantigas e todas as vistas se dirigiam para a janellinha que, empurrada por fóra, entreabriu-se. Ao mesmo tempo, uma voz que vinha da noite ou da neve, pronunciou distinctamente:

—Deus esteja comvosco!

—E comtigo! respondeu o moujik.

E se levantou, sem no entanto deixar o seu logar, dizendo ainda:

—Nós te esperavamos; a tua meza esta servida.

Fóra distinguiamos um andar sobre a neve, depois a janella rangiu, abriu-se um pouco mais, e a mão do fugitivo appareceu, tacteou um instante, apanhou o pão e voltou para a noite. Haviamo-nos levantando, do mesmo modo que o dono da casa, em silencio. Unicamente o avosinho é que ria sempre. E pela segunda vez a mão appareceu tomando a garrafa.

—Leva-a comtigo, é noite de Natal!..

Que mais desejas?

—Rezem por mim: disse a voz.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Ouviu-se o suspiro de um homem que bebe a grandes sorvos, depois, de novo, um ruido de passos rangendo que se afastam pela neve.

III

Constantino calou-se: olhava de um modo vago, tristonho, com a imaginação voltada para essas lampadas longinquas dos moujiks, que do fundo da Asia até as raias da Europa estrellam nas noites da Siberia, o caminho daquelles "que não devem ser vistos"

Hugues Le Roux

« »

O Camocim é no Ceará uma cidade principalmente notavel pela mania de seos habitantes alcunharem-se uns aos outros.

Ninguem que tenha uma certa notoriedade, ali, escapa a uma designação pittoresca.

Certa vez para lá foi designado como juiz de Direito um tal Dr. Panletta, homem energico e que, sabendo do feio costume de seus novos jurisdicionados, resolveu com elle acabar, assim que lá chegasse.

N'essa persuação o energico Dr. que tinha os dedos das mãos contrahidos em virtude de um insulto rheumatico, logo ao saltar no posto de desembarque, tratou de prevenir aquelles que o foram receber de que castigaria severamente a quem tivesse o arrojo de alcunhal-o a elle, primeira authosidade do logar.

Um desaforo tal teria a pena mais dura e que servisse de exemplo. E assim disposto seguio o energico homem para a casa que lhe fora reservada.

Ao passarem, pouco depois d'elle, alguns homens de fréte conduzindo sua bagagem, perguntou um habitante ao carregador que ia na frente a quem pertencia o bahú que levava a cabeça.

---Não sei não, diz o carregador, é de um *mão de Gengibre* que ahi vai na frente...

E ahi está como ainda hoje é conhecido por «mão de gengibre» o Dr. Panletta.

Zag

Os ultimos accordes

Reclinada no divan perfumoso, n'uma attitude de tristezas indefinidas, Maria a noiva meiga, de olhar de magôa, arrancara ao violino as ultimos e plangentes accordes da "Serenata Pathetica".

A's vezes, mal apontava a luz do dia, a sua bôa mãesinha, ia encontral-a melancolica e pensativa, com o seu violino, que parecia um escrinio de prantos, nunca comprehendidos.

A pobre senhora, de cabeça prateada, abria muito os olhos pretos e deixava aquella melodia, que era condensada de saudades fundas do noivo distante, ir pelo azul afóra, nas azas brancas de uma visão que fôge.

---Quero, minha bôa mãe, quando Deus tirar-me desta vida, que me conduza o violino para tocar pela ultima vez a «Serenata Pathetico».

---A velhinha enxugou com a mão tremula uma lagrima algente que lhe corria a face macilenta.

Veiu a epoca primaveril e com ella o dia nupcial de Maria.

A Natureza era risonha. O azul estendia-se pelo intermino. O perfume evolava-se estonteante em cada flôr, e a alegria em cada rosto...

Maria estava pallida. Os seus olhos, outr'ora tão bellos ao fulgôr da vida, cheia de amôres e esperanças, estavam pisados, ao lacrimejar constante de uma agonia intima.

Dir-se-ia a noiva arrependida.

O momento fatal era chegado.

Reclinára a fonte no divan perfumoso, e quasi adormecida ao desferir as primeiras notas no violino, um suspiro longo e indefinivel escapou-se-lhe dos labios.

Deixava para todo o sempre a vida ali junto ao violino, que parecia um escrinio de prantos, nunca comprehendidos.

O. R.

Polemicas e polemistas

Polemos quer dizer guerra, e quem nasce polemista esta sempre em guerra aberta com qualquer coisa ou com alguem, e exprime o seu caracter lutador com mais ou menos exito, segundo o grão de intelligencia e de cultura, e mais ainda segundo o campo de batalha que escolher.

Já foi feita, e até por altissima capacidade, a historia da critica, mas a psychologia da polemica é ainda uma aspiração e poderia dar-nos um precioso volume.

Nem sempre a critica é polemica, como a polemica nem sempre é critica. Na primeira só o pensamento deveria entrar, mas é infelizmente verdade que ao contrario nella se intromette mui frequentemente o *polemos*.

A polemica divia ter por alliado o pensamento, e no entanto as armas são quasi sempre fornecidas apenas pela paixão; e assim se explica que tenhamos mais polemicas do que criticas, pois que se torna bem mais facil a todos fechar os punhos e quebrar os vidros do que pensar e discernir.

P. Mantegazza

A capa do presente numero é ornada com o magnifico cliché de um trecho da praça Pereira e Oliveira, destacando-se o elegante e confortavel palacete de residencia do nosso distincto conterraneo sr. major Eduardo Horn, conceituado negociante negociante e capitalista de nossa praça,

« »

Laercio Caldeira

Foi removido da estação telegraphica de São Paulo para a desta Capital o nosso presado collaborador sr. Laercio Caldeira, aquem cumprimentamos affectuosamente, por esse facto.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Vicente Schaefer
Superintendente de Brusque

Do Sr. Joaquim da Costa Arantes, digno 1º Secretario da Associação e Asylo de Mendicidade Irmão Joaquim recebemos a delicada circular abaixo que agradecemos com os votos que fazemos para que a nova directoria recem-empossada continúe a imprimir a esse importantissimo estabelecimento de caridade a mesma norma de conducta que tanto o tem elevado no conceito publico.

Eis a circular:

«Associação e Asylo de Mendicidade Irmão Joaquim---Florianopolis, 4 de Julho de 1916.--Exmo Sr. Director da Revista O OLHO.---Tenho a subida honra de communicar a V. Exa, que em data de hoje, foi empossada a Directoria eleita em Assembléa Geral de 5 de Junho proximo findo, afim de reger os destinos desta associação e instituição caritativa, no periodo social de 1916-1917, ficando assim constituida:

Presidente, Luiz Pacifico das Neves; Vice-Presidente, João Caldeira de Andrada; Procurador Geral, Octavio Cardoso da Costa; 1º Secretario, Joaquim da Costa Arantes; 2º Secretario, Arthur Tupinambá de Campos; Thesoureiro, João da Matta Pires Gomes e Sub-Thesoureiro, Rodolpho Manoel Vieira.

--Aproveito a opportunidade para apresentar a V. Exa. os protestos da mais elevada estima e distincta consideraç o.

Deus guarde a V. Exa.---*Joaquim da Costa Arantes* 1º Secretario.

Esteve em nossa redacção o nosso venerando conterraneo sr. Olympio dos Anjos Coelho Pinto que, em nome da Administração do Asylo de Orphãos a cargo da Irmondade do Divino Espirito Santo, o termos estampado o bellissimo cliché da fachada d'aquelle importantissimo estabelectmento de instrucção e de caridade, bem como a noticia que demos no mesmo numero.

Somos gratos a essa gentileza da digna adiministração de tão util instituição.

Firmados pelos srs. Coronel Germano Wendhausen e Capitão Cantidio Alves de Souza, dignos Provedor e Secretorio da Irmandade do Senhor Jesus dos Passos e Hospital de Caridade, recebemos delicada circular em que nos communica a posse, em 1º do corrente, das novas Dignidades que têm de compôr a Mesa Administrativa d'aquella Irmandade e Hospital, durante o biennio de 1916 a 1918 assim representadas:

Provedor—Germano Wendhausen, (reeleito;) Vice-provedor—Pompilio V. Duarte Luz, (reeleito); Secretario—Cantidio Alves de Souza, (reeleito; Adjunto do Secretario—Gustavo da Costa Pereira; Thesoureiro—Joaquim Fernandes Neves; Procurador Geral—Joaquim Garcia Netto; Mordomo do Culto Divino—Joaquim T. de Souza Vieira; Mordomo dos Expostos—Fernando Wendhausen, (reeleito).

Agradecemos a gentileza da communicação e fazemos votos para que a nova administração do importantissimo estabellecimento de caridade que sobremodo honra ao nosso Estado, continue a eleval-o cada vez mais no conceito publico.

Contentamento é melhor do que riqueza; mas é preciso, pouco mais ou menos, a mesma quantidade de dinheiro pora um como para outra.

A mulher é uma Divindade de que o Amor é o culto.

Galoine

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Assumptando

A nossa formosa e pittoresca ilha, a que itinerantes mais ou menos celebres não tem poupado adjectivos encomiasticos, nunca foi tão bem classificada como na popular expressão «ilha dos casos raros».

Aliás, isso é um facto que já foi ruidosamente annunciado n'uma revista "mambembe", aqui levada á scena annos atráz.

Ilha dos casos raros e porque não ?!

Onde encontrar como entre nós phenomenos taes, como esses com os quaes diariamente nos acotovelamos, reveladores de tão distinguidos feitos e virtudes ! A nossa indesculpavel modestia, porém, nos tem prejudicado, fazendo com que guardemos avaramente essas preciosidades que, com franqueza, merecem bem melhor destino.

Por isso resolvi, fugindo a esse proverbial acanhamento, denunciar algumas d'ellas, para que, evidenciadas em letros de forma, possam correr mundo, annunciando aos povos que *nòs quoque genius habemus*.

Para tanto, caro leitor, bastou-me um pouco de bom humor, adquerido facilmente n'uma ceia ali no "Familiar", em companhia de um "jâcaré" cá da casa, verdadeiro chronica viva da terra, e um mephistophelico engenheiro telegraphico, não obstante o seo apecto de velho diabo retrahido, a tentar habitos de frade, n'um serodio arrependimento de diabruras passadas.

Assim foi que, emquanto nos regalavamos com um magnifico moka, patrioticamente temperado com milho do Tubarão pelo Moura (ou pelo João Sabino, não sei bem), intervalando os gólos com deliciosas súcções do mais genuino *chartreuse* do Fontana, pude colher maravilhosas informações, que para aqui transfiro.

* * *

Não ha, de certo, por esse mundo de Christo quem não conheça o gramophone, a grandiosa descoberta falsamente attribuida a Edison, para regalo e flagello universaes.

Entretanto, assim como a Bartholomeu de Gusmão foi roubada pelos irmãos Mongolfier a gloria da invenção do aerostatos, tambem a um modesto filho da ilha dos casos raros foi roubada a gloria da invenção das machinas fallantes.

Simples e retrahido, como deve ser um inventor que se respeite, o verdadeiro descobridor do gramophone (ou do phonographo, seu precursor, como a passarola o foi dos Zeppelins) nao foi tal Edison e sim um veneravel professor de encadernação, de um dos nossos institutos federaes de educação profissional.

Bem me recordo tel-o ouvido, muitos annos já passados, exhibindo o maravilhoso apparelho, n'um recanto de sua officina typographica, depois de haver dissertado sobre as theorias flamarionicas da habitabilidade dos astros (o homem tambem é astronomo nas horas vagas), explicar e demonstrar o funccionamento do surprehendente mechanismo reproductor dos sons, com o qual nos deixou embasbacados.

Jamais esquecerei o magnifico sólo de trompa que nos fez ouvir então e que o grande inventor conseguira gravar, graças a especial concessão que lhe fez o nosso primeiro trompista, o modestissimo Antonico Freyesleben.

Tamanha foi a nitidez, tão perfeita a reproducção, que o Branco, ali presente, não podendo conter o enthusiasmo, abraçou e pespegou dois ruidosos beijos nas peludas bochechas do nosso grande homem, o que deu em resultado ficar com os labios ennegrecidos, em consequencia do contacto com as suas juvenis suissas cosmeticadas.

Entretando, occultando o seo maravilhoso apparelho (feito de peças importadas de New-York) ficamos privados de ver hoje, com orgulho, seo nome fulgurando, como o de Marconi, ao lado de uma prodigiosa invenção.

Verdade é que nem sò nisso a modestia o tem

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

prejudicado, pois sabemos tambem, no campo da Astronomia, fecundissimas teem sido suas descobertas, como a constatação de dois satelites azues da lua, e a verificação de seos habitantes, provada pelas esplendidas photographias de selenitas que elle conseguio obter, por meio de um apparelho de sua invenção.

* * *

E nas lettras, então, caro leitor, o que dizer dos luminares que possuimos? Quem poderá negar por exemplo, a decisiva influencia que João Mendonça tem exercido no jornalismo de Florianopolis e, quiçá, do Brasil inteiro!?

Entretanto, modesto e simples, o ex-redactor da "Folha do Commercio" bem merece um logar destacado no constellario do jornalismo, que elle elevou extraordinariamente de nivel, illuminando-o com as fulgurações de seu genio.

Suas chronicas de critica literaria, artistica e philosophica ahi ficaram em letra de forma, como immarcessiveis vias-lacteas traçadas por seo talento,

E' de sua exclusiva descoberta a extraordinaria theoria que prova «a influencia do azul sobre a critica indigena".

Quem houve, até hoje, capaz de ganhal-o em brilho..... na redacção de um annuncio de caza para alugar na Figueira! Quem não se recorda de suas deliciosas chronicas theatraes, quando aqui tivemos a companhia do Lahoz? E aquelles convites para missas de 7º dia, enterros e reuniões de associações?...

Ah, caro leitor, bem longe iria eu, si pretendesse citar-te agora os nossss grandes homens todos.

Onde encontrar espaço para descrever-te o processo usado pelo nosso Christovam, para fazer ouvir o mais maravilhoso violino do mundo, sem outro instrumento que não os labios, embora diga o Coelho Pinto que a descoberta pertence ao Zéca Pitanga? e o processo para evitar o enjôo nas longas travessias oceanicas, de autoria do nosso indeffectivel Superintendente, que sempre o usa, quando forçado a fazer a perigosa travessia d'aqui para o Estreito:..... e as machinas do Soncini, capazes de transformarem: a réles rapadura no mais crystallino assucar, ovos chôcos e farinha de trigo azeda em maravilhosos macarronis, tigliarini e aletrias, como a Alemanha jamais conseguio!

Zig

Habitos e costumes

Uma manhã o burguez ficou estatelado de admiração quando, ao acordar, pondo o nariz borrachudamente chato fóra da porta, deu com duas linhas de ferro a se estenderem pelo bombo lamaçento da rua.

---O bond, minha velha, o bondinho que nos ha de passear muito e muito nestas tardes de sól.

Foi uma consolação o bond.

Todas as tardes, fumegando deliciosamente o *papa-terra*, estomago cheio e satisfeito, *ipso facto* disposto a lyrismos digestivos, o burguez goza-se da paciencia compassiva dos burricos que o levam á' Estação Agronomica, à Tronqueira, á Esteves Junior, bimbalhando as campainhas instigados pelo *hip*! berrante do cocheiro.

Nada de mal, no entanto, vae neste passeio diario que Florianopolis faz no seu bondinho, muito querido, muito servidor.

Mas è que se não satisfazem só com o gozo da paysagem: a morosidade das curvas e o tlin-tlin das campainhas.

O burguez entra, cumprimenta cerimoniosamente os *companheiros de viagem*, procura o primeiro banco e... zás... começa a fabricação do cigarro que será a delicia fumegante da digestão.

Solta o pedacinho de fumo resequido e negro, o canivete sujo, a palha que se vae collar aos labios, emquanto pica o tabaco.

Depois de bem alisada a palhinha de milho fecha o cigarro, accende e põe-se a jogar para o rosto dos que vão ao lado e atraz baforadas enormes! de fumo sordido. asphixiante, revoltante.

E Mme. tem de aturar a indelicadeza fumegante do burguez mal educado.

Não ha contemplação:---fumaça para todo o lado.

Ao fim da viagem, Mme. salta tanta, enjoada, maldizendo a bond e a falta de cuidados da companhia.

Bôa educação burguez, bôa educação

D'Orlac

Se quizeres que uma cousa se faça, vae; se não o quizeres manda. *Franklin*

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Vem...

Preciso vêr-te! No sonhar ao menos
compassiva reflecte a imagem linda:
desce do ceu sorrindo em nuvens d'ouro
e paira sobre mim sorrindo ainda!

Se amas da noite a solitaria estrella,
---quasi perdida em nesga sideral,
mereneoria traçando argenteas linhas
as tristezas d'amor contar ao val'

---viajora do ceu! imita o exemplo
da doce companheira em luta envolta:
no meu peito reclina a fronte angelica,
tuas maguas d'amor dos labios solta...

E'-me a vida sem ti fundo deserto,
sem nem siquer o encanto da miragem,
---onde eleva o simoun nuvens d'areia
e a caravana sepulta na passagem...

Que fez do viajor da comitiva
pensativo por ti, sonhando á gloria?...
Reluz, a sol de fogo, a ossada branca
nem lhe ao menos a cruz guarda a memoria!...

Tens no Sahara o transumpto da existencia:
---esplendorosa noite em ceu bonança:
---solo esteril de flôres e perfumes
e a ausencia da mulher---da vida a esp'rança...

. . . . . .

Dr. Catão Callado

Rio---1879.

* * Aqui, na nossa santa terrinha, não falta quem censure a tudo e a todos, mas que se negam a contribuir com a sua collaboração monetaria ou intellectual para evitar essas cousas que tanto censuram.

Nós temos sido victimas desses *bemdizentes* que ora fallam porque não augmentamos o numero de paginas, porem não assignam a revista nem a compram, ora criticam uma pilheria que transcrevemos, onde encnotram, como moralistas que são, immoralidades que ninguem mais a não serem elles enxerga, mas não escrevem uma linha siquer para evitar que tenhamos de recorrer as nossas muito estimadas collegas *tesoura* e *gomma*.

Ora si professor doutor e *tutti quanti* fallassem menos e nos auxiliassem mais..... a revista teria maior numero de paginas e a sua leitura seria mais agradavel,

Dialogo entre policiaes

Cabo---*Antão, seu* camarada, como se porton *se* no serviço d'onte? Fez acto de bravura?

Soldado---Ah! *seu* cabo, stava eu de plantão na rua do Cáes quando me vem p'ra vanguarda um *vurto* e começa a dizer-me que *nois havera* de fazer uma *confragração p'ro mode* eu andar fazendo signaes *syne maforico d'olhos* com a cabocla delle.

Dahi eu *tripliguei* e elle fez um avanço, *mas porem*, não passou da linha da frente.

Stamos nessa posição quando me *arresolvi* fazer a offensiva e dahi, mandando um aé a *retaguarda*, emquanto elle dava meia *vorta*, finquei-lhe o pé *atraz da frente*.

Cabo---E o despois?

Soldado---Elle evacuou a praça

Cabo---Pois *steje* preso.

Cruz Vermelha Italiana

Amanhã terá lugar no Theatro Alvaro de Carvalho, uma *soirée* em beneficio da *Cruz Vermelha Italiana*.

Será exhibida a fita da guerra Italo---Austriaco, levada ultimamente nas cidades do Rio de Janeiro e S. Paulo com grande successo.

Fallará, em italiano, dr. Tullo Cavalzzi e em portuguez, o dr. Nerêu Ramos.

A festa está sob o patrocinio do R. Consul da Italia Cav. Bruno Zuculin e de uma commissão composta das gentis senhorinhas: Rosa Fiorenzano, Adelina Paladino, Angelina Piccolo, Luiza Selva, Flavia Simone, Alice Bertrand, Diva Gama d'Eça, Olga Garofallis, Carmen Luz e Dóra Pederneiras.

O programma da festa será vendido no Theatro pela commissão de Senhorinhas.

Centro Joséphense

Com o fim de tratar dos interesses do Municipio de São José, fundou-se ha dias, nesta Capital, um Centro Josephense, cuja derectoria ficou assim constituida:

Presidente, Tenente---Coronel João da Silva Ramos; Vice, Alvaro Tolentino, 1º Secretario, Philomeno da Costa Arantes e Thesoureiro, Tenente Quirino Pereira Bento.

A commissão de estatutos se compõe dos srs dr. Fernando Caldeira, Capitão Vieira da Rosa e. Alvaro Tolentino.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

A encrenca da tartaruga...

—Então «seu» Dorval ?!... você, e «seu» conselho, fizeram uma encrenca tamanha por causa da minha tartaruga ?!... e agora, deixam construir aquella jangada, no caes de desembarque, ás barbas da policia e meio mundo ?... Olhe ! aquillo não é mais tartaruga, é um Ká...gado ! pergunte só ao Zé Pedro que é entendido em escripturação mercantil...

—Ah, seu Antonino ! aquillo na minha arte, não é mais do que um balancete fechado a martello...

—O que querem os Snrs.? o homem e' absoluto, a gente lhe vae falar, elle dá de "costa„ e sae «mastigando», dizendo que ha de "esgotar„ tudo, inclusive o thesouro.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

27 annos na selva

CAPITULO VII

Retirada do Porofalo

Ao sexto dia chegámos às margens do Rio Novo em marcha forçada, passando para a margem direita, em logar onde o rio é vadeavel, mas muito distante do local que tres annos antes tinhamos abandonado.

Ante a escassez de caça e a exiguidade de provisões deliberei ir ao Matto Grande, onde os recursos eram exhuberantes.

Contra a vontade de meus companheiros puz-me a caminho, com assombro delles, procurando os logares por onde havia passado.

Levava comigo uma espingarda, à cinta minha inseparavel espada e a tiracollo meu alforge de provisões e a rede.

Tres dias depois transpunha em 5 leguas de espesso cerradão, que ia terminar na subida de argilla de pequeno monte, entendendo-se além esplendida planicie abundante em tamanduá-bandeira.

Na vertente cabeceira do grande Porofalo fiz pouso.

Velei até alta noite, ora ouvindo o pio das aves noctivagas, ora o sussurro da folhagem de arvores seculares, ora julgando ouvir o arfar do jaguar, approximando-se de meu leito oscillante...

Ao romper da aurora, completamente despido dos cuidados que tão soturnas paragens inspiram ao homem, continuei a viagem, chegando dias depois ao logar que annos antes meu aldeiamento havia trocado pelas margens do Porofalo.

Reinava profundo silencio. Vagarosamente approximei-me das casas que abandonado tinhamos.

Não encontrando vestigio algum recente, avancei com resolução e abrindo uma das largas portas penetrei na casa para repousar das fadigas de minha longa viagem.

Horas depois dormia em plena calma e quando me acordei no dia seguinte, sahi a visitar os contornos silenciosos d'aquelles logares, que tantos factos me faziam recordar.

Quem me visse, queimado pelo sol ardente de taes regiões, com a barba preta cahida sobre o peito e vestido como Adão no paraiso, tomar-me-hia pelo genio da solidão.....

E ao ver minha imagem no espelho limpido das aguas, comparava meu presente contristador com meu passado feliz....

E, então, a lagrima brotava expontanea, lembrando-me com saudades das doçuras e conforto do meu lar...

. . . . . .

A noite desceu sobre aquellas paragens tristonhas.

A fome, que succede sempre a fadiga, principiou a acommêter-me.

Dei começo, pois, ao serviço culinario, mas precisando de um accessorio, fui obrigado a ir procural-o em uma das casas, afrontando a escuridão....

Dispunha-me a sahir, quando ouvi distinctamente a interjeição ai ! ai ! que desde o berço conhecia, interjeição muito differente do—agá—indigena.

Perplexo, por tão inesperado acontecimento, parei, continuando a ouvir os mesmos gemidos. Mas... que fazer ?

Tomando a espada á mão direita e á esquerda um tição de fogo em chamma, voltei á tratar da refeição.

N'estas paragens, á noite, ouve-se, ás vezes na matta, esse gemido, que eu attribuia a aves noctivagas, mas que os Baycarys asseguram com viva crença serem as almas dos seus finados que assim se pronunciam e pelas quaes guardam elles grande respeito e temor.

O dia seguinte, bello dia de verão, foi consagrado á pesca.

Utilisando-me de uma piroga abandonada na margem do rio, percorri differentes lagos, alcançando matar alguns peixes.

Ao cahir da tarde, quando penetrava na matta em demanda da minha triste morada vi, a alguns kilometros apenas distante desta, densa fumaça subir ao ar em columnas.

Fiquei impressionado.

Quem atearia o fogo ? perguntava eu a mim mesmo. Necessariamente os Cajabys. E não me enganára.

Os Cajabys são, entre os selvagens, muito temidos, não só pela sua coragem, como pelas suas crueldades.

Costumavam apparecer no logar em que me achava

Veio a noite. Deitado na minha rede não pude concilliar o somno, ora pensando nos gemidos da vespera, ora na fumaça que não longe eu vira á tardinha.

E lembrava-me do seguinte episodio.

Poucos mezes depois do meu apparecimento entre os Baicarys todos os homens moços do meu aldeiamento escolheram um dia para a caça.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Eu e o cacique os acompanhámos.

No aldeiamento ficaram os velhos, mulheres e creanças.

Chegados a certo ponto dispersamo-nos para differentes logares.

Horas depois de nossa ausencia o aldeamento foi atacado de surpreza pelos Cajabys: matando e saqueando.

Acabado o ataque os Cajabys dividiram-se em duas turmas: uma---carregando os despojos do assalto e outra levando prisioneiro um pequeno indio e uma india ainda moça.

Ao cerrar da noite achava-se esta segunda turma á beira de um rio.

A india, que ia segura pelos cabellos, rogou ao Cajaby que a deixasse beber, pois estava morta de sede.

O indio fel-a baixar com a bocca á superficie do rio.

Ella insta que a solte, para assim beber á vontade.

Elle faz-lhe a vontade e ella, de um salto, some-se no seio das aguas. nadando sem cessar.

Protegida pela escuridão da noite chega no dia seguinte ao aldeamento, ao mesmo tempo que os caçadores.

Estes, horrorisados com a narrativa do medonho assalto e do triste espectaculo que o aldeamento apresentava, partem immediatamente á pista dos assaltantes.

Dois dias depois a turma dos Cajabys era alcançada pelos Baicarys.

Travou-se a lucta. O cacique da minha tribu, homem vigoroso e valente, bate-se com denodo.

Medindo-se com outro colosso, tambem bravo, despreza as flechas, matando-o com o arco.

A lucta foi encarniçada. A vingança tremenda.

Quanto ao pequeno indio prisioneiro---jamais appareceo,

. . . . . .

Após aquella noite de insomnia amanheci completamente cego.

Neste triste estado occorreo-me uma idéa.

Perto havia um fumal. Tacteando, sahi de casa, conseguindo colher algumas folhas do apreciado narcotico. Fazendo dellas cozimento banhava os olhos, recuperando a vista tres dias depois.

Dei graças ao Creador.

Felizmente os Cajabys haviam tomado direcção opposta ao logar onde me achava inutilisado para os receber.

Dez dias depois voltava perfeitamente restabelecido ao ponto em que anciosos me esperavam os Baycarys que, durante a ausencia, procuravam meus vestigios, e, depois de curta demora seguimos com direcção ao rio Verde, afim de nos estabelecermos com construcções mais solidas e mais confortaveis.

O Rio Verde

O Rio Verde, a cinco leguas mais ou menos do Rio Novo, á léste, é atapetado por verdejante musgo, que o torna de bella cor esmeraldina, sendo, por isso, que lhe dei o nome pelo qual hoje é conhecido.

E' de curso veloz e muito piscoso.

Na margem esquerda, onde assentámos nossas tendas, encontram-se algumas arvores da gomma elastica ou borracha, sendo provavel que a cinco kilometros mais ou menos, além, onde o rio é vadeavel, haja em grande profusão.

E' tal a velocidade de sua corrente, em parte objectado por enormes pedras, que um explorador seringueiro, embarcado com toda a comitiva em grande casca, foi de encontro a taes pedras, a despeito das cautellas que tinham tomado.

Felizmente salvaram-se, mas, perdendo, o producto da exploração, o seringueiro abandonou a empreza.

Justamente em frente ao logar onde se déra o naufragio, logar até então nunca visitado pelo homem civilisado, assentáva-me, ás vezes, á tardinha apreciando a ligeireza com que os mastrikans devoravam os fructos que viçosos cajueiros, debruçados á margem do rio, derramavam sobre a superficie das aguas chrystalinas.

Uma occasião, de volta de ingrata pescaria, torava eu alentado tronco, quando o machado. por fatal descuido, fere-me a articulação do dedo grande do pé esquerdo.

O sangue brotou em jorro e, si bem que estivésse só n'uma matta densa, não desanimei.

Com custo, sentindo fortes dores, pude procurar recursos, empregando a casca do "emberecy" sobre o golpe.

Tres mezes estive doente, julgando-me impossibilitado para sempre de calçar-me.

Quando, annos depois, apresentando-me ao presidente da provincia de Matto-Grosso, fui obrigado, pela decencia, a fazer uso do calçado, tive de supportar cruciantes dores, por isso que os pés não admittiam a menor compressão.

N'uma bella manhã, passeiando pela margem do Rio Verde, avistei enorme quantidade de mastrikans.

(Continúa)

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Clichés

IV

Na producção de trabalhos impressos que contenham clichés, a importancia de conseguir que estes sejam de classe conveniente, nos obriga a insistir sobre elle. O melhor conselho, na verdade, que se pode dar sobre este assumpto é que se disponha de um gravador digno de confiança, conserval-o e consultal-o ao iniciar qualquer trabalho de importancia afim de se obter o beneficio que o seu conhecimento, experiencia e criterio, como meio mais efficaz, venham ajudar a manejar o material necessario ás illustrações.

E' de maxima importancia que todas as instrucções enviadas ao gravador sejam claras e explicitas; alem disto, sempre que seja possivel, devem estar escriptas no proprio original de preferencia á ser escripta em um papel a parte.

Se houver probabilidades de pôr a perder o original, escrevendo sobre elle, ponha-se uma coberta de papel sobre a imagem ou quadro e escreva-se sobre ella as necessarias instrucções.

Ao enviar-se um qualquer original para ser reproduzido, marque-se sobre a baze a medida desejada, isto evitará duvidas, como muitas vezes ha succedido quando ao gravador se ordena uma reducção a metade ou a um quarto do tamanho original.

Os desenhos de sombreados, em preto e branco, photographias, e todos os originaes de natureza analoga, reproduzem melhor em gravuras de meio-tom.

Os desenhos de linhas ou desenhos ponteados, reproduzem melhor em zincographia ou semile-gravura. Em todos os casos o original deve ser maior do que o cliché desejado.

Ainda que é possivel reproduzir do mesmo tamanho ou mesmo amplial-o, os melhores resultados se obtem, sobre tudo em zincographia e simile-gravura quando o original é reduzido na reproducção.

Os pequenos clichés, taes como: illustrações de catalogos, peças de machinas e objectos mechanichos em geral, se reproduzem muito efficazmente em gravuras de madeira. Estas que são mais dispendiosas do que os trabalhos em zinco, quando bem feitas, são mais formosas e claras, e dão excellentes resultados em quasi todo o papel.

Diagrammas intrincados, mappas e outros trabalhos analogos que contenham linhas finas que tenham de ser claramente impressas, e, sobretudo diagrammas que requeiram grande numero de inscripções são muito perfeitos quando se reproduzem em gravuras de cêra, ou cêrotypo, como lhe dão o nome. Este processo se usa tambem com excellentes resultados quando se deseja reproduzir memorandum, ou trabalhos analogos, que contenham lettreros de typos phantazia ou sombreados. Uma gravura em cêra, impressa cuidadosamente em bom papel, muito se assemelha ao trabalho lithographico.

Succede algumas vezes, como por exemplo em um livro, que se tem de imprimir sómente uma pequena edicção, que o custo das gravuras de meio-tom podem ser economisado, imprimin o-se as illustrações pelo processo do heliotypo, intercalando estas gravuras antes de encadernar o livro.

Si se tem de fazer um qualquer numero de pequenas gravuras em zinco, é economico pregar todos os originaes em uma grande folha de papel e reproduzil-os em conjuncto como se fôra um só cliché, recortando-os depois.

Isto porém só pode ser feito quando todos os desenhos estejam desenhados na mesma escala e tenham de ser reproduzidos na mesma proporção.

O papel em que devem ser impressos os clichès é couza que se deve tomar muito em consideração, excepto quando se tractar de zincographia que, se pode dizer, imprime-se em qualquer classe de papel.

Que o original seja o melhor possivel, é de mais importancia para o gravador do que para o impressor, si se deseja obter resultados satisfatorios. Ainda que o gravador faça maravilhas com más photographias, retocando estas ou retocando a gravura com ferramentas apropriadas, este trabalho addicional é custoso e deve evitar-se tanto quanto seja possivel.

O original ideal para photogravuras de meio-tom seria uma bôa photographia em papel lustroso e tão claros e difinidos os detalhes como sejam possivel.

Um original opaco (mate) não será tão bom como um original lustroso, pois nunca mostrará distinctamente os detalhes.

As copias oliographicas, daguerrotypicas e outras analogas são muito máos originaes e devem ser evitadas tanto quanto seja possivel.

Deve ser lembrado que nenhuma gravura de meio-tom poderá ser melhor do que o original do qual tenha sido feito e que, por outra parte, sempre perderá alguma cousa na reproducção.

Sempre que seja possivel a reproducção deverá ser feita da photographia original.

Continúa

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina